
(recursos ordinários do Tesouro), e finalmente, a repercussão da estratégia de contingenciamento adotada pelo Governo, atingindo, inclusive, as contribuições sociais recolhidas pela Receita Federal (Finsocial, taxaço sobre lucros, loterias). No final é mencionada a criação de uma fonte específica para a saúde e a forma de partição automática entre União, Estados e Municípios. O autor conclui com cepticismo em relação a soluções para o financiamento do SUS que não passem pela retomada do crescimento econômico, combate à sonegação e à inadimplência de órgãos públicos e empresas privadas e, sobretudo, pela vontade política de fortalecer o sistema de saúde.

• E. D. Nunes (*As Ciências Sociais em Saúde: Reflexões Sobre as Origens e a Construção de*

um Campo de Conhecimento). O trabalho aborda as origens, desenvolvimento e perspectivas das Ciências Sociais em Saúde. Procura situar alguns pontos fundamentais relacionados à incorporação de um pensamento social em saúde no Brasil e faz parte de um amplo movimento que ocorreu no pós-Segunda Guerra, principalmente junto aos Departamentos de Medicina Preventiva e Social. Trata-se da construção desse campo do conhecimento, apontando alguns trabalhos da literatura. Conclui apresentando algumas perspectivas em relação à investigação nessa área.

Odécio Sanches
Departamento de Epidemiologia e Métodos
Quantitativos em Saúde
Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz

Worldwide Variation in Human Growth.
Phyllis B. Eveleth & James M. Tanner.
Cambridge: Cambridge University Press,
1990. 2ª ed., 397 p., figuras, tabelas,
bibliografia. (Brochura)
ISBN 0-521-35916-3

Worldwide Variation é uma importante obra que chega à segunda edição. Juntamente com a primeira, publicada em 1976, constitui o mais completo levantamento de estudos sobre crescimento físico e maturação em escala mundial atualmente disponível, de autoria de duas reconhecidas autoridades. Em 1976, foram revisados os estudos publicados entre 1964 e 1974, e a edição mais recente cobre o período 1974-1988. As duas edições são, portanto, complementares.

O livro é dividido em onze capítulos, alguns descritivos e outros mais teóricos. Os capítulos 2 a 7 tratam do crescimento físico de populações tão díspares como europeus e aborígenes australianos, incluindo ainda aquelas de descendência africana, asiática, indo-mediterrânea e da região do Pacífico. Os autores optaram, portanto, por uma divisão com base em critérios históricos e geográficos. Os capítulos restantes abordam aspectos metodológicos (capítulo 1), variações nos padrões de maturação (capítulo 8), influências genéticas e ambientais sobre o

crescimento (capítulos 9 e 10, respectivamente) e crescimento na infância e adolescência vis-à-vis doenças crônicas na fase adulta (capítulo 11).

O capítulo 1 é uma introdução aos métodos de estudo do crescimento e um resumo do conteúdo do livro, comparando-o com a primeira edição. A propósito, as duas são estruturalmente bastante semelhantes, quer na divisão dos capítulos, quer na forma de apresentação dos dados. Há sub-itens de interesse, como a breve discussão sobre estimativa e agrupamento de idades, seleção de amostra e análise e apresentação de dados de crescimento obtidos a partir de inquéritos transversais, longitudinais e de desenho amostral misto. Ainda que o tratamento dos tópicos seja superficial, os autores referenciam publicações onde discussões mais pormenorizadas podem ser encontradas.

Os capítulos 2 a 7 tratam de populações específicas e são estruturados de forma semelhante. Os dados de antropometria descritiva do capítulo 2 ("Europeus na Europa") são utilizados como base para comparação nos capítulos subsequentes. A justificativa apresentada pelos autores é que pesquisas sobre crescimento físico com populações residentes na Europa comprazem a maior parte dos estudos disponíveis utilizando metodologia padronizada. Aliado a isto, comparadas com os agrupamentos de

populações dos demais capítulos, as de origem européia tendem a ser, segundo os autores, geneticamente menos heterogêneas. Os dados são apresentados aproximadamente na mesma seqüência nos diversos capítulos, qual seja: critérios de seleção de estudos e agrupamento de populações; apresentação de curvas de altura e peso de crianças; diferenças entre os sexos quanto a padrões de crescimento; indicador peso para altura; tendência secular; médias de altura e peso de adultos; crescimento nos primeiros dois anos de vida da criança; e análise de indicadores antropométricos adicionais (e.g., altura sentada, circunferências e pregas cutâneas).

A abrangência do levantamento de Eveleth e Tanner é ampla tanto em termos quantitativos como qualitativos, como pode ser constatado pelo número de trabalhos citados e pela sua diversidade lingüística. É provável, contudo, que a representatividade dos estudos varie de acordo com a área geográfica. No caso do Brasil, por exemplo, são referenciados estudos realizados em Santo André, Pelotas e Ribeirão Preto. A maior parte da produção publicada em periódicos brasileiros não é citada.

Os dados dos capítulos 2 a 7 são apresentados na forma de gráficos e tabelas. No total, são 174 figuras e mais de 90 tabelas, estas distribuídas ao longo do texto e em um apêndice. Tais capítulos são mais informativos pela compilação de dados do que pelo conteúdo analítico. Isto porque predomina uma abordagem descritiva das idiosincrasias dos perfis de crescimento das populações específicas. A dificuldade de se efetuar comparações inter-populacionais reside na falta de informações sobre a contribuição diferencial de fatores sócio-econômicos, ambientais e genéticos sobre os resultados dos estudos considerados. Ainda assim, certos padrões são recorrentes. Um deles é que as crianças européias ou descendentes de europeus em diversas partes do mundo tendem a ser sistematicamente maiores e mais pesadas que aquelas de outros grupos étnicos, um resultado explicável em termos de diferenciais em qualidade de vida. Além disso, os autores mencionam a manutenção da tendência secular para diversas populações em associação com melho-

rias das condições sócio-econômicas e ambientais.

As tabelas do apêndice constituem uma importante contribuição do trabalho de Eveleth e Tanner. A partir delas, podem ser obtidas estatísticas descritivas de indicadores antropométricos e de maturação passíveis de análises secundárias. Como mencionam os próprios autores, diversos estudos, foram realizados a partir dos dados compilados na primeira edição.

As diferenças inter-populacionais em maturação esquelética, dentária e pubertária são tratadas no capítulo 8. Como reiterado pelos autores, conhece-se menos a respeito de padrões maturacionais do que de crescimento físico. Eveleth e Tanner dedicam boa parcela do capítulo descrevendo que o processo de maturação é influenciado por fatores hereditários e ambientais e que populações economicamente menos privilegiadas tendem a amadurecer mais tardiamente.

O capítulo 9 trata das influências genéticas sobre o crescimento físico. É revisada a literatura sobre genética e crescimento baseada em estudos familiares, incluindo aqueles com gêmeos. Tais estudos demonstram que, sob condições ambientais semelhantes, padrões de crescimento físico tendem a ser tanto mais similares quanto mais geneticamente próximos forem os indivíduos. A seguir, os autores comparam os perfis de crescimento de três grandes grupos (europeus, africanos e asiáticos) visando discutir variações inter-populacionais. Para tanto, foram selecionados estudos sobre populações vivendo sob condições sócio-econômicas relativamente satisfatórias. Um dos pontos interessantes da discussão diz respeito às consistentes menores médias de altura e peso das crianças asiáticas quando comparadas com os dois outros grupos, o que refletiria predisposição genética. Ao que parece, diferenças em proporções corporais, notadamente no tamanho dos membros inferiores, explicam tal padrão de variabilidade. Tais resultados têm importantes implicações teórico-metodológicas. Por um lado, colocam em xeque a hipótese de uniformidade do potencial de crescimento das diversas populações humanas, pelo menos no que diz respeito às crianças em idade pré-escolar. Sob

o ponto de vista aplicado, tais resultados lançam dúvida sobre a validade de se utilizar uma única referência na avaliação do estado nutricional, como tem sido preconizado pela Organização Mundial da Saúde.

Eveleth e Tanner lidam com as complexas interações **fatores ambientais/crescimento e crescimento/suscetibilidade a doenças** nos capítulos 10 e 11, respectivamente. Os aspectos ambientais abordados incluem nível sócio-econômico, mobilidade social, desemprego, urbanização, variações sazonais e climáticas, altitude e estresse psicossocial. Infelizmente, os autores não discutem os impactos das doenças infecto-parasitárias sobre o crescimento físico, tópico de inúmeros estudos nas últimas décadas.

Quanto à suscetibilidade a doenças, são revisados estudos epidemiológicos que demonstram que o estado de saúde na fase adulta, notadamente no tocante a doenças crônico-degenerativas, pode ser influenciado pelo perfil de crescimento do indivíduo enquanto criança e adolescente.

Pela amplitude da revisão bibliográfica e diversidade de tópicos, *Worldwide Variation in Human Growth* é um livro indispensável para aqueles profissionais interessados em crescimento físico e maturação.

Ricardo V. Santos

Núcleo de Doenças Endêmicas Samuel Pessoa
Escola Nacional de Saúde Pública

Human Paleopathology: Current Synthesis and Future Options. Donald J. Ortner & Arthur C. Aufderheide (eds.). Washington: Smithsonian Institute Press, 1991. 311 p., ilustrações e bibliografia. (Capa Dura)
ISBN 1-56098-039-7
UK £ 54.50

A paleopatologia despertou grande interesse nas primeiras décadas deste século, ficando depois, por longos anos, como uma área de pesquisa pouco produtiva e de vocação excêntrica. A partir da década de 70, foi renovado o impulso para a pesquisa científica nessa área, revigorada pela ótica epidemiológica, e pelo estudo comparativo das doenças em populações especiais, atuais ou pretéritas.

Nas duas últimas décadas a paleopatologia passou a não ser vista apenas como uma coletânea de curiosidades sobre doenças do passado, e adquiriu caráter de especialidade, ou área de concentração de estudos que, aliada à antropologia médica e à história da medicina, ajuda a compreender como se dá o processo de saúde-doença nas populações humanas, considerando seus aspectos histórico-evolutivos.

Em 1988, reuniram-se vários especialistas durante o *International Congress of Anthropological and Ethnological Sciences*, em Zagreb, na Iugoslávia, de 24 a 31 de julho de 1988. Dessa reunião resultou o presente volume, editado por

Donald Ortner e Arthur Aufderheide, com o apoio do Smithsonian Institution, EUA.

O livro, apresentado pelos editores, procurou organizar os trabalhos por temas: teoria, métodos, estudos populacionais, tuberculose, lepra, artroses, trauma, doenças dentárias, e condições patológicas diversas. Cada um destes temas comporta atualizações sobre o estado da arte, bem como estudos de casos, problematiza questões e propõe revisões de modelos e interpretações. A bibliografia citada é em geral sumária, objetiva. Cada trabalho é acrescido de uma síntese da discussão que se seguiu à sua apresentação, com destaque às contribuições inovadoras e críticas pertinentes. As ilustrações são excelentes e os textos, curtos e objetivos, incluem representações esquemáticas e tabulações de dados, agilizando a leitura e interpretação.

Foram objetivos do simpósio, entre outros, polemizar questões metodológicas e de inferência, avaliar a contribuição da paleopatologia ao estudo da saúde de populações atuais, consolidar a paleoepidemiologia e definir as perspectivas futuras em paleopatologia.

Embora bem-sucedido, o simpósio não logrou apresentar uma produção satisfatória no que se refere à associação da história da medicina e paleopatologia, o que pareceu, aos seus organizadores, refletir a realidade acadêmica no que se refere à integração das duas disciplinas,